

Movimento Escambo: teatro e cultura popular

Movimento Escambo: theater and popular culture

Márcio Silveira dos Santos

Ator, diretor, dramaturgo, fundador do Grupo Manjerição/RS. Doutorando em Teatro na Universidade Estadual de Santa Catarina. Bolsista CAPES/DS.

Resumo: O presente artigo propõe compartilhar e refletir sobre as vivências com teatro e cultura popular durante dois encontros do Movimento Popular Escambo Livre de Rua, no ano de 2013 nas cidades de Janduís e Caicó no Estado do Rio Grande do Norte. Tendo por objetivo aqui registrar e documentar algumas ações deste importante movimento de teatro e cultura popular nordestina, criado em 1991 por Ray Lima e Junio Santos na Cidade de Janduís/RN, onde recentemente foi realizada a 50ª edição do Escambo.

Palavras-chave: Movimento Escambo. Teatro Popular. Cultura Popular. Teatro de Rua.

Abstract: This article proposes to share and reflect on the experiences with theater and popular culture during two meetings of the Movimento Popular Escambo Livre de Rua in the year 2013 in the cities of Janduís and Caicó in the State of Rio Grande do Norte. The goal is to record and document some of the actions of this important movement of the Northeastern popular theater and culture, created in 1991 by Ray Lima and Junio Santos in the city of Janduís/RN, where the 50th edition of the Escambo was recently held.

Keywords: Movimento Escambo. Popular Theater. Popular Culture. Street Theater.

No ano de 2013, durante os meses de Abril e Junho, pude participar de dois encontros do Movimento Escambo, nas cidades de Janduís/RN e Caicó/RN. Há um bom tempo vinha planejando participar, mas devido ao alto custo de deslocamento do Rio Grande do Sul para o Rio Grande do Norte ficava impossível sem apoio. No entanto neste ano foi possível, pois eu estava realizando com o Grupo Manjerição, de Porto Alegre/RS, uma circulação com espetáculo de teatro de rua contemplada pelo Prêmio Funarte Artes Cênicas na Rua 2012, que consistia em percorrer os Estados das regiões Nordeste e Centro-Oeste do Brasil realizando apresentações, oficinas e intercâmbios com artistas populares. Combinei com os organizadores de cada cidade e microrregião estadual onde haveria o encontro de artistas do Movimento Escambo e articulei a agenda da circulação, encaixando datas em que pudesse ficar durante todos os dias de cada encontro, participando do máximo de atividades possíveis.

O Movimento Popular Escambo Livre de Rua foi criado em 1991 por Ray Lima e Junio Santos, dois poetas, músicos, professores, brincantes e palhaços que, na Cidade de Janduís, no sertão do Seridó no Estado do Rio Grande do Norte, deram início à brincadeira séria de criar um movimento que articulasse poesia e música à luta pelos direitos humanos na região. Desde então, não pararam mais: nesses quase trinta anos, realizaram em torno de quarenta encontros. O Escambo (como é conhecido popularmente) é um movimento de irradiação de cultura e arte que reúne grupos de teatro de rua, brincantes, capoeiristas, mamulengueiros, poetas, repentistas, grafiteiros, cordelistas, mestres e artistas populares das mais variadas vertentes da cultura nordestina. Eles/as se reúnem para socializar suas experiências artísticas, culturais, políticas e comunitárias. Com o passar dos anos, começaram a participar dos encontros artistas de outras partes do país assim como de outros países da América do Sul.

Os encontros são realizados em dois formatos, segundo os critérios de duração e de número de participantes. O maior se chama Escambo, que dura em torno de quatro a cinco dias, em que um grande número de participantes toma conta da cidade sede com espetáculos, oficinas, *shows*, exposições, performances, debates, declamações de poesia, leituras e criação de documentos como cartas e manifestos. Já o Escambito é um encontro pequeno, como o nome sugere em que o período de atividades é menor e o número de participantes também. Ele acontece num período próximo do grande encontro do Escambo. Geralmente as atividades duram dois dias (um fim de semana) e, além de apresentações e oficinas, os escambistas priorizam os debates preparatórios para o grande Escambo assim como sua pré-produção.

Sobre funcionamento, formato, estrutura e articulações, afirma Junio Santos:

O Escambo não tem data definida, podendo ocorrer mais de três eventos por ano, de acordo com as expectativas, necessidades e interesse dos grupos e artistas que atuam como seus articuladores. Em sua história, o Escambo só teve três encontros com recursos públicos oriundos de editais. Na maioria das vezes, o Escambo é bancado pelos próprios grupos, que dividem alimentação, assumem transporte e produção. As fichas de inscrição são remetidas via Rede [virtual] do Movimento Escambo, sendo que os grupos que não participam com espetáculos, indicam dois representantes e os grupos que vão pela primeira [vez] também participam com apenas dois representantes. A programação do Escambo tem como definição: pela manhã [acontecem] vivências e oficinas oferecidas à comunidade e aos escambistas; [no] início da tarde [são realizadas] rodas de conversa com as comissões de trabalho, abertas para todos os escambistas; [no] final da tarde [apresentações dos] cortejos e espetáculos; [à] noite, exibição de filmes nas ruas e grande roda de conversa do Movimento Escambo, aberta aos escambistas e à comunidade; [no] final da noite [acontece o] Escambar Poético em algum bar da cidade, com lançamentos de livros e escambos variados. Um mês após o encontro do Escambo, representantes de grupos se reúnem na cidade sede para socializar a avaliação dos grupos e dar retorno à comunidade sobre o que foi produzido no encontro. (SANTOS apud TURLE e TRINDADE, 2016, p. 168).



Escambito Raízes – Janduí/RN
Foto: Cortejo de abertura do Escambito. Acervo do Grupo

Sabendo da circulação pelo nordeste que tínhamos em mãos, os escambistas Junio Santos, conhecido também como Palhaço Cuzcuz, e o Berg Bezerra, da Cia Ciranduí, me convidaram para participar do Escambito raízes, de 26 a 28 de abril de 2013 na Cidade de Janduí, no Rio Grande do Norte. Era o momento certo na ocasião certa, pois eu nunca tinha participado de alguma atividade do Escambo e os “Escambitos” são uma espécie de encontro preparatório para um encontro maior do Escambo. Onde são avaliadas, discutidas, refletidas as práticas, ações, criações e

encontros do Movimento, que propiciam transformações necessárias nos próximos encontros e no próprio trabalho desenvolvido pelos escambistas. Ao mesmo tempo em que potencializa o Movimento também fortalece os artistas da Cidade e micro região em que o Encontro está ocorrendo.

Sobre as funções do Escambito dentro dos encontros anuais do Movimento Escambo, um dos seus criadores, o Cenopoeta Ray Lima esclarece.

É também fortalecer os grupos em suas cidades ou comunidades de atuação. O Movimento passou a dedicar tempo e energia, utilizando-se das experiências e saberes circulantes na rede do Escambo, para aprofundar debates e práticas culturais comunitárias, envolvendo, inclusive, o poder público, geralmente receoso e muitas vezes perseguidor dos grupos locais. Bastava ter uma opinião diferente do *status quo* vigente que o pau cantava. Corte de quaisquer tipos de apoio, ameaças de toda espécie, considerava-se perseguição branda quando simplesmente os grupos eram colocados sob isolamento total das escassas políticas públicas existentes. Houve enfrentamentos a tais situações de várias formas: denúncia explícita na rua, cortejos, etc., mas em alguns casos ocorreram reuniões, diálogo e negociações fundamentais para que determinados grupos assumissem a condução das políticas públicas de cultura locais ou se tornassem parte estratégica delas. A partir dos Escambitos, diversos grupos conseguiram conquistar espaços importantes para sua existência como grupos e para a vida cultural de suas cidades. Destaco questões e conceitos que não podem ser desprezados, esquecidos sob pena de perdemos em conteúdo. Sem isso, o Escambo perde também expressão porque, a meu ver, não há como expressar o não conteúdo. Sem conteúdo a expressão vira mera zoada, ruído lunar, dispersão, descoletivização desta rica experiência que está em permanente construção. A expressão sem conteúdo serve ao sistema de poder que nos sufoca, amordaça (sem precisar de mordaca - a mordaca do sistema é nos forçar a esvaziar de sentido o que dizemos e fazemos, é jogar tudo no vazio cósmico da não escuta, do não diálogo, do não entendimento, da vaidade pó, do ensurdecimento midiático provocado pelo excesso de excesso) que nos mata mantendo-nos de pé, esqueleto andante, sem prumo nem rumo, a cada dia a morrer na ilusão de que isso é viver. (LIMA *apud* SANTOS, 2016: 66-67).

Diante dessa explanação de Ray Lima, fica claro porque parti do distante Estado do Rio Grande do Sul para apresentar o espetáculo de teatro de rua “João Pé-de-chinelo” no Escambito. Cheguei dia 25 de abril a Natal/RN e passei quase um dia inteiro dentro de uma Van lotada de passageiros e bagagens, circulando pelo sertão do Rio Grande do Norte, até chegar a Janduís. A demora no traslado tem o seu porque, quando a Van entra numa cidade tem por regra, combinada entre motorista e passageiro, deixar o passageiro onde ele desejar, tanto pode ser numa avenida qualquer da cidade, como também na porta de sua casa, e só depois disso segue para outro bairro ou outra cidade.

Neste dia que peguei a Van houve dois momentos em que o passageiro não sabia o endereço certo para descer e o motorista muito atencioso ajudava com toda paciência do mundo. Nesse meio tempo, na televisão tela plana de 20 polegadas suspensa no teto da Van, eu devo ter assistido umas três vezes um DVD com show do Cantor Leonardo e duas vezes da Banda Aviões do Forró gravado em Garanhuns/PE. Por fim, já a viagem transcorria no período da noite tocava repetidas vezes um CD só de músicas com letras de evangelização em vários ritmos, ou seja, uma salada sonora para muitos gostos, menos o meu, roqueiro que sou, aproveitei então para ouvir as histórias dos passageiros.

Cheguei a Janduís já tarde da noite e Berg Bezerra e demais amigos escambistas aguardavam num ponto combinado. Devido ao horário, a Van me deixou na sede nova da Ciranduís e logo depois Berg chegou com uma quentinha (marmitex) com carne de sol e baião de dois. Fome saciada, um pouco de conversa e o sono pegou. Dia 26 de abril de 2013 mal havia amanhecido o primeiro dia do Escambito Raízes já estávamos em direção à casa da mãe do Berg e lá podemos tomar um café delicioso e reforçado com cuscuz e carne de sol.

Depois seguimos pelas ruas para conhecer um pouco mais desta Cidade acolhedora e de um povo atencioso. Conheci as principais praças onde ocorreria o Escambo, as escolas e também o espaço da Casa de Cultura Vapor das Artes em frente à praça principal onde seriam realizadas as apresentações e o Escambar. O Escambar é um momento mais musical que ocorre após as apresentações teatrais, circenses e poéticas, onde o microfone e equipamento de som ficam disponíveis a quem interessar executar uma cantiga ou poesia musicada, declamação, ou até mesmo uma reclamação ou elogio ao que quer que seja.

No caminho pude perceber o grande interesse da população que parava os artistas populares da Cia Ciranduís para pegar informações do encontro. Muita gente interessada em cultura e fãs de teatro e poesia de rua. Há mais de 25 anos que o Movimento Popular Escambo Livre de Rua foi criado nesta cidade por Ray Lima e Junio Santos.

Chagada à tardinha, começamos a formar o início do cortejo até a praça das primeiras apresentações do Escambito Raízes. Muitos grupos e interessados em arte na rua acompanharam o cortejo. A Trupe Circuluz, de Pernambuco, chegou com sua Kombi totalmente customizada com motivos circenses, destaque para a frente da Kombi que ostentava um enorme nariz de palhaço. Os “cabras” da Cia Ciranduís sobre pernas de pau traziam os estandartes. O cortejo ia ganhando volume, engrossando, com os artistas tocando e dançando pelo caminho. Lotamos a praça central de assalto. Na praça havia uma arena muito bem conservada e que oferecia duas

possibilidades de encenação, no palco de concreto ou na arena na frente do palco, ambos com a frente tomada por uma arquibancada de tijolos. Também havia um gramado plano e grande ao lado, para quem optasse por uma roda mais proximal entre público e atores. Foram três noites de muitas atrações dos mais de vinte grupos e brincantes presentes nesta edição.



Foto: Espetáculo João pé-de-chinelo. Acervo do Grupo

O Grupo Manjerição levou o espetáculo de teatro de rua “João Pé-de-chinelo”, trata-se de um monólogo, que mostra a vida de um catador de materiais recicláveis que mora nas ruas e praças dos centros urbanos com seu carrinho de supermercado e uma barraca iglu. Foi na segunda noite do Escambito que ocupei a arena com uma plateia lotada. Antes de entrar em cena eu tinha a impressão de que estava em cena desde o dia anterior. Os encontros tem essa característica de troca constante, de contação de histórias, de dizer poesias, de cantar, atuar, palhaçar, brincar. Durante todo o Escambo somos Brincantes! Deste modo entrei em cena com muita energia e prazer, pois finalmente eu estava ali vivenciando um encontro do Movimento Escambo que por muitos anos ouvia falar.

Já tinha passado um dia de calor infernal, mas foi durante a apresentação que senti realmente o calor desta porção de sertão! Sorte a minha foi que a bombacha do pé-de-chinelo é larga e de tecido fino, pois eu derretia embaixo da meia máscara e chapéu. São os ossos do ofício, mas cumpridos com muita alegria a função. Obtive um grande sucesso de participação e reconhecimento por parte dos escambistas e moradores da cidade.

Na segunda noite, mais grupos e artistas se colocando em cena, mostrando sua arte e querendo discutir o seu fazer e a situação sociocultural da região. Espetáculos engajados e poéticos, sempre colocando o homem em reflexão/questiona-

mento de sua condição dialética de existência/sobrevivência. A prosa dos inconformados destilada na poética do poeta escambista que se avoluma pela ação do viver-brincar. Vi-presenciei uma peleja viva, cativante, de um povo que muitas vezes endurece na lida do dia-a-dia, mas que jamais perde a ternura da poesia-cantoria de seus ancestrais. Como diz num dos Manifestos do Escambo:

Somos o Movimento Escambo e com a força da arte popular pedimos e exigimos respeito e reconhecimento aos artistas e trabalhadores culturais, prestadores de serviço a serviço da vida, da paz, da cidadania, do amor. Sim! Somos brincantes! A cortejar pelas ruas, becos e praças um teatro que não perde a graça nem a vontade de ir avante. Somos roda viva, da arte que peleja em mostrar com beleza um teatro que cativa, instiga, motiva! Somos a pedra no sapato do palhaço; Somos a poesia do poeta-ator; Somos a escrita do poeta que não editou; Somos a música que a mídia não tocou; Somos a arte que a tv não anuncia, não anunciará e nunca anunciou. Somos frutos da rua e do mundo. Somos o grito, eco do coração. Somos o povo cantado em cortejos Somos brincadeiras, luta em canção. Somos velhos sentados em canteiros, contando estórias de terreiros para crianças deitadas no chão. Somos o saber esculpido na memória dos MESTRES populares com suas oratórias que semeiam nossa imaginação. Somos - pelo perigo que corremos - teatro. Somos - pelo perigo que trazemos - teatro. Somos - pela alegria em que vivemos - teatro. Somos - Pela tristeza, pela dor que sentimos do outro, no outro, pelo outro - teatro. Somos - pelo abrigo do novo e do antigo - teatro. Somos por todos os atos - Somos teatro. (Site do Movimento).

No terceiro e último dia, após ter ministrado uma oficina sobre elaboração de projetos culturais e estudo dos editais culturais vigentes, participei de outras oficinas do Escambito numa Escola da cidade. Perto do horário do meio dia, mesmo com sol forte, era a oportunidade de conhecer dois espaços inusitados de Janduís. A Pedra da Lua e o Museu do Chifre.

A Pedra da Lua

A Pedra da lua é um espaço de energia boa para a arte, fica um pouco retirado da cidade e lá existe um aglomerado de grandes rochas. Estas pedras fizeram parte da revolução que Ray Lima realizou aqui na cidade antes de criar o Escambo. Durante os anos de 1980 Ray trabalhava como educador popular aplicando o método Paulo Freire de educação popular. Lá durante muitas semanas em oficinas educativas e culturais com crianças desenvolveu um grande cortejo cenopoético chamado “Já não tem pão – João não tem pão” com uma centena de crianças nas ruas da cidade, tendo nas mãos, como metáfora, um grande pão que denunciava a miserabilida-

de sociocultural. Segundo Junio Santos, as crianças andavam nas ruas declamando em coro poemas de Bertold Brecht, Garcia Lorca, Ferreira Gullar, Ray Lima.

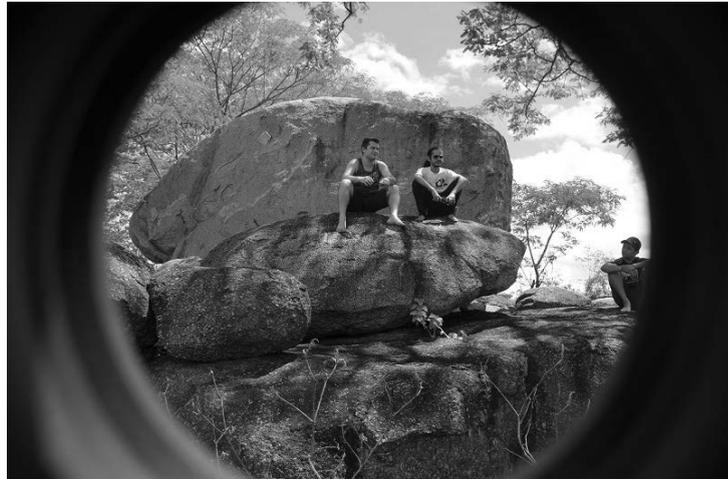


Foto: A Pedra da Lua e os escambistas. Fotógrafo Junio Santos

Como um rei Cenopoeta Ray Lima conduziu o povo mirim pelas ramificações da serra árida onde das pedras verteu poesia e semeou um futuro promissor daquela gente gestada na dor oca do tempo em que o mar virou sertão. Ali se dava os sinais de que em pouco tempo surgiria um movimento popular tão forte e necessário. O Movimento Escambo Popular Livre de Rua. Tão livre e libertador quanto a Cenopoesia criada por Ray. Hoje, a rua que dá acesso à entrada do sítio onde está situada a Pedra da Lua tem o nome de Ray Lima. Uma homenagem desta em vida é sempre um grande reconhecimento, que não se pode relegar ao esquecimento. Rua Ray Lima.

A força da Cenopoesia de Ray Lima esta presente em todas/os escambistas. Seja onde for se houver espaço-tempo sobrando alguém levanta a mão e faz Cenopoesia. Sobre esta linguagem surgida nos tempos que Ray Lima estava vivendo no Rio de Janeiro junto a outros poetas e poetizas, o autor nos diz.

A Cenopoesia caracteriza-se como uma linguagem que se articula com outras para ganhar diversidade e dar força ao discurso e sua capacidade de expressão. Atua como espaço de articulação e interfaces entre linguagens em seus aspectos formais e em suas especificidades para construir algo como que um campo dialógico, sinérgico e harmônico gerador de novas imagens, novos sentidos; multifacetados, mas ressignificado como linguagem única, porém aberta e viva. E aí a música, a poesia, a dança, o desenho e a pintura, assim como o teatro, principalmente, têm trazido grandes contribuições. A intenção da Cenopoesia é estabelecer um diálogo entre a poesia, as artes e seus biomas morfoexpressivos; romper as amarras da própria língua escrita, em suas limitações como forma de comunicação, quebrando a re-

lação de opressão entre os campos de conhecimento tradicionalmente conhecida e aceita. Mesmo considerando suas inúmeras possibilidades e contribuições para a construção cenopoética, a língua (falada e escrita) esbarra em certas limitações históricas que pedem o complemento ou a interação com outras maneiras de falar e dizer, expressar. (LIMA, 2012: 21).

O autor carrega essa linguagem gerada do casamento e/ou conflito de outras linguagens, essa coexistência de linguagens para chegar a um diálogo mais profícuo entre artistas e não artistas, entre poetas e não poetas entre burocratas e não burocratas, desvelando o lado mais humano e frutífero de todos envolvidos e promovendo uma harmonia ímpar por onde passa e leva a Cenopoesia como estandarte do humano.

Seguimos cenpoetizando pelas ruas até chegar no museu do chifre e as histórias peculiares que nele esperam por ávidos curiosos.

Museu do Chifre

O brincante Junio Santos nos guiou até o famoso Museu do Chifre, que na verdade trata-se da casa do casal: Seu Silvanildo e Dona Neca. Há muitos anos o casal começou a juntar badulaques e apetrechos ligada a vida de ambos e da cidade dentro de um quartinho que aos poucos começou a receber visitas. Como o Seu Silvanildo trabalhou um tempo num matadouro e ao ser demitido do emprego recebeu muitos “chifres” como parte da indenização e começou a realizar pequenas peças artesanais para vender. Hoje as peças cumprem suas funções em muitas residências e bares na região, como cinzeiros, colheres, copos para beber cachaça ou beber água da cacimba.

Com o passar do tempo os visitantes daquele espaço de relíquias passaram a adquirir um artesanato ou algumas vezes ganhar de presente. Aos poucos o espaço do casal chamou-se Museu do Chifre, que, aliás, possuía muitas cédulas raras de dinheiro, fotos antigas e utensílios domésticos que foram objetos de grande valor em certas épocas do passado. Mas a grande qualidade do casal além da ótima recepção foi que ficamos horas ouvindo histórias e cantorias. Junio é um artista muito reconhecido na cidade e todos o admiram, abrem as portas da casa quando Junio chega e no Museu Junio se emocionou, entoou versos melodiados e declamou poesias enquanto Seu Silvanildo rebatia com outros versos. Choramos e rimos muito, momentos assim não tem preço e valem por uma vida inteira.



Foto: Junio Santos

33º Escambo em Caicó/RN

De 14 a 16 de Junho de 2013 foi realizado o 33º Escambo em Caicó/RN. Um dos escambistas locais foi o Kikiu, multiartista da cidade que participa do Escambo um par de tempos. É atuante no Grupo de Teatro Maria Cardoso, que realizou a organização local do Escambo. A 33ª edição contou com um grande número de trabalhos apresentados. A programação ficou espalhada pelos bairros da Cidade, uma grande descentralização dos espetáculos e em cada bairro acontecia um cortejo antes da maratona de espetáculos começarem. Percebi certa correria devido a tanta programação, pensei que poderia ser um inchaço demais de espetáculos e grupos, mas me dei conta que havia participado de um Escambito anteriormente, onde as dinâmicas são um pouco menores ou pelo menos metade do volume apresentado em Caicó. Mas nada que os organizadores e demais escambistas não dessem conta.

Todos os participantes ficam centralizados num QG único, centralizando as ações, uma escola grande de um bairro próximo ao centro. A logística do Escambo funciona dentro das parcerias com escolas e sedes comunitárias, entre outras possíveis residências solidárias, que sempre aproximam a todos. Na escola centralizavam a alimentação, as reuniões, oficinas, lançamento de livros, debates e pernoites.

No dia 15, no final da tarde, iniciamos o cortejo no bairro Paraíba, nos deslocando até a Praça Manoel Félix, onde eu apresentaria logo mais o espetáculo solo de rua “João Pé-de-chinelo”. Uma multidão foi atrás do cortejo colorido e animado, sempre atentos aos carros e motos para evitar acidentes.

Roda formada, equipamento pronto e os grupos começaram a brincadeira. Tive a honra de dividir o espaço-palco-rua com a Cia Ciranduís, de Janduís/RN, seguidos pelo Grupo Pessoal do Tarará, de Mossoró/RN. Foi uma noite histórica! Pra-

ça lotada, público colado nas apresentações. O Pé-de-chinelo atingiu no âmago dos espectadores, foi na medida certa a transição orgânica da encenação entre a comicidade e a tragicidade da vida daquele papeleiro e seu universo imaginário em busca de dias melhores. O mesmo se deu com os demais grupos em suas apresentações, foi uma noite em que atores e público vivenciaram um estado de simbiose cenopoética.



Espectáculo João Pé-de-chinelo, Grupo Manjeriçã. Foto: Junio Santos

Neste último dia tivemos o lançamento dos livros do Cenopoeta Ray Lima “De Sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz” e “Pelos Ordens do Rei que Pede Socorro – Um Roteiro-Manifesto da Cenopoesia”. Lançamento harmonizado pelas cantorias de Junio Santos que puxava e regia o canto de todos, numa grande ciranda. Ray falou sobre o espaço cenopoético que ali se formava naquele momento, enquanto lugar do ser sensível e reflexivo, politizado e amoroso, que participa e transforma. Os escambistas ao vivenciarem um Encontro Escambo criam um espaço de vitalidade e fluidez, graça e leveza.

Junio entoava uma canção de Ray “Horizontal Cotidiano”, como fizera em Janduís, e todos acompanham na repetição:

Franzinos meninos,
Troupas na cabeça,
Bucho nas costelas,
PANELA SEM FEIJÃO.
Toinha e seu Tonho choram quando amanhece;
Irrigam de lágrima e suor o resto no sol;

O pó,
Da sombra que réstea no arrebol, capuchos de algodão.¹

¹ Cantiga de Ray Lima que pode ser encontrada no Site do Escambo.



Junio Santos e Ray Lima. Foto: Acervo do grupo.

Após Ray Lima entoar uma canção de Junio Santos sobre o teatro de rua e o universo poético que lhe constitui, ambos tocam e cantam para em seguida o povo se ajuntar na brincadeira.

Passa o tempo / O tempo passa
Corre o mundo em desgraça / Tragédia, Comédia, Dramalhão
E o teatro rompe o espaço / Do passado e do futuro
E no presente / É uma encenação
Teatro não é só brincadeira / O mundo não é dramalhão
Comédia não é só gargalhada / Tragédia nem sempre é lição

É o teatro de rua / Teatro do operário
Teatro do povo / Teatro panfletário
Teatro da vida / Um drama diário.
Da tragédia / Da comédia / Do Dramalhão.²

Em 2019, aconteceu entre os dias 26 e 28 de abril mais uma edição do Escambo Raízes, como pode ser visto neste cartaz de divulgação. Esta foi a 50ª edição de um encontro do Movimento Popular Escambo Livre de Rua. Pude acompanhar digitalmente nas redes sociais alguns dos momentos de planejamento desta edição, pois não pude estar presente nesta, e diante do grande volume de trabalhos interessados em se apresentar no encontro, a comissão de organizadores que não necessariamente se denomina comissão e sim um grupo de pessoas mais experientes em participações no Escambo tiveram que estabelecer algumas combinações (e não regras definitivas) para que o encontro tivesse mais qualidade no sentido de melhores

² Cantiga de Junio Santos que pode ser encontrada no Site do Escambo.

condições de envolvimento dos presentes e que os trabalhos apresentados pudessem de fato chegar na comunidade com boa fruição estética. Que no encontro pudesse haver rodas de conversas, rodas de Cenopoesia, rodas de afeto.



Cartaz de divulgação da 50ª edição dos encontros do Movimento Escambo.

De fato assim aconteceu a edição de número 50 e já há planos para novas edições no segundo semestre de 2019. Como disse Walter Benjamin, que é “preciso escovar a história a contrapelo” para que possamos dar vez e voz a outros pontos de vista dos fatos e acontecimentos históricos, culturais e populares do nosso país. Por isso, encerrando este texto, convido aos interessados que acompanhem o Movimento Popular Escambo Livre de Rua em suas redes sociais e um dia quiçá venha para uma roda de Cenopoesia.

Referências

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Org. e tradução João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LIMA, Ray. *De Sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz: roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

_____. *Pelas ordens do rei que pede socorro: um roteiro-manifesto da Cenopoesia*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2012.

SANTOS, Márcio Silveira. *Longa Jornada de Teatro de Rua Brasil Afora*. Porto Alegre: Ueba Editora, 2016.

TURLE, Licko. TRINDADE, Jussara. *Teatros(s) de rua do Brasil: a luta pelo espaço público*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

Sites

<https://movimentoescambo.wixsite.com/escambo> <Acesso 23 de maio de 2019>

<http://escamboderua.blogspot.com/><Acesso 23 de maio de 2019>

<https://www.facebook.com/Movimento-Escambo-736277559726430/> <Acesso 23 de maio de 2019>

<http://ciranduis.blogspot.com/2019/04/o-escambo-traz-alegria-ao-povo-de.html>
<Acesso 28 de maio de 2019>

Artigo recebido em 31/05/2019, aprovado em 17/07/2019.